

## DAR FIM A ESSE MUNDO DE DÍVIDAS IMPAGÁVEIS

 <https://orcid.org/0000-0001-8981-9730> Victor Pereira de Sousa<sup>A</sup>

<sup>A</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil

Recebido em: 26 jul. 2022 | Aceito em: 12 set. 2022

Correspondência: Victor Pereira de Sousa (victordesousa@outlook.com.br)

*FERREIRA DA SILVA, Denise. A Dívida Impagável. São Paulo: A Casa do Povo, 2019. 198p.*

*Desprendida das entranhas do Pensamento – sempre em excesso em relação aos sujeitos e objetos, sem as separações que (como Categoria) re-cria –, a negridade figurada pelo corpo sexual feminino fica disponível para uma Poética Negra Feminista, enquanto esta mapeia um terreno ao pedir a Crítica Negra Feminista que esta reveja suas Categorias, rearranje seu projeto e interrogue as premissas do ofício – sem garantia de que o ofício sobreviverá ao exercício.*

**Denise Ferreira da Silva, 2019.**

A feminista negra Denise Ferreira da Silva é graduada em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestra em Sociologia e Antropologia também pela UFRJ. É doutora em Sociologia pela University of Pittsburgh e, atualmente, é professora da University of California, em San Diego, nos Estados Unidos. *A Dívida Impagável* é uma das poucas produções de Denise Ferreira da Silva escritas em língua portuguesa. Apesar de ser brasileira, a autora já há muito tempo faz parte da academia estadunidense e, portanto, escreve a maior parte de seus textos em língua inglesa. Contudo, existem também outros poucos artigos da autora escritos em língua portuguesa, ou traduzidos para o português, em revistas acadêmicas brasileiras (2006; 2014; 2020).

Para a autora, *A Dívida Impagável* é uma tentativa de interromper o desdobramento da lógica perversa que desde o fim do século XIX oblitera a racialidade, operando como “um arsenal ético em conjunto – por dentro, ao lado e sempre-já – a/diante das arquiteturas jurídico-



econômicas que constituem o par Estado-Capital” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 33). À essa lógica, a autora denomina de dialética racial.

O livro é composto por quatro ensaios: *A Ser Anunciado: Uma Práxis Radical ou Conhecer (n)os Limites da Justiça; Para Uma Poética Negra Feminista: A Questão da Negritude Para o (Fim do) Mundo; 1 (VIDA) ÷ 0 (NEGRIDADE) = ∞ – ∞ OU ∞ / ∞: (Sobre a) Matéria para Além da Equação de Valor; e A Dívida Impagável: Lendo Cenas de Valor Contra a Flecha do Tempo*. “Os ensaios que compõem *A Dívida Impagável* não fazem mais do que aproximar a esta imagem do Mundo sem *separabilidade* e os outros pilares ontoepistemológicos que esta necessita, e através dos quais opera” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 46, grifos da autora).

Dessa forma, Denise Ferreira da Silva aponta que nessa tentativa de destruir a dialética racial, o que está em disputa, ou seja, o que é necessário renunciarmos para sermos capazes de libertar o que ela chama de capacidade criativa radical da imaginação é uma mudança radical da forma como abordamos tanto a forma como a matéria. Para, assim, dar fim ao Mundo Ordenado e insurgirmos ao Mundo Implicado.

De acordo com o pensamento da autora, os primeiros pensadores da filosofia natural, como Galileu Galilei e René Descartes, e da física clássica, como Isaac Newton, herdaram da Antiguidade a visão sobre a matéria que compreende o corpo por meio de conceitos abstratos que estariam presentes no pensamento como, por exemplo, a solidez, a extensão, o peso, a gravidade e o movimento, tanto no espaço quanto no tempo. Tais concepções oportunizaram a afirmação de que a mente humana seria possível conhecer absolutamente as propriedades dos corpos humanos. Contudo, isso acaba por ocasionar rupturas na filosofia escolástica, mais especificamente, duas rupturas.

A primeira delas está situada quando, no século XVII, os filósofos constituíram um programa de conhecimento pautado de preocupações chamadas por eles de “causas secundárias do movimento”, e não como causas primordiais das coisas ou com a finalidade de tais existências. A segunda ruptura está baseada no fato de que ao invés dos filósofos se fundamentarem na necessidade lógica de Aristóteles para poderem garantir algum nível de “exatidão” nas descobertas feitas, acabaram, como o próprio Galileu Galilei, se apoiando na necessidade de atribuir características matemáticas como base para a certeza, atribuindo tais características principalmente as perspectivas geométricas.

A questão é que independentemente do caminho seguido, tais filósofos mantiveram suas ideias na herança dos textos da Antiguidade que atribuíam ao Homem (assim, com H maiúsculo) a excepcionalidade sobre sua alma, seu livre arbítrio, sua capacidade de raciocínio e demais especificidades que “comprovassem” tal superioridade no conhecimento tanto da forma quanto da matéria. Todavia, René Descartes acabou sendo responsável por criar um sistema filosófico capaz de desvincular essa herança ao separar o corpo e a mente humana, onde, nesse caso, a mente adquire a capacidade de determinar a verdade tanto sobre o corpo humano quanto sobre qualquer outra coisa que compartilhe com esse corpo atributos formais, como sua extensão e peso.

É por meio dessa separação instituída por René Descartes que Immanuel Kant, baseado nas ideias de Isaac Newton, afirma que o conhecimento é responsável por identificar as forças ou leis limitantes que determinam o que ocorre nas coisas e fenômenos que observamos. E, advindos desse sistema de Immanuel Kant, dois elementos ainda são capazes de influenciar aquilo que Denise Ferreira da Silva entende por projetos epistemológicos e éticos contemporâneos: a separabilidade, que, em linhas gerais, pode ser entendida como a ideia de que tudo o que pode ser conhecido sobre as coisas do mundo deve, necessariamente, ser entendido por meio das formas da intuição, onde tais formas seriam o tempo e o espaço, e, também, pelas categorias do entendimento; e a determinabilidade, que, também em linhas gerais, pode ser entendida como a ideia de que o conhecimento é resultado da capacidade do próprio entendimento de produzir tais conceitos formais, que, por sua vez, são capazes de determinar a verdadeira natureza das impressões sensíveis reunidas pelas formas da intuição.

Décadas depois, Friedrich Hegel construiu um outro sistema filosófico que inverte as ideias de Immanuel Kant ao propor um método dialético com dois objetivos: a noção de atualização, em que o corpo e mente, espaço e tempo, natureza e razão são sempre duas manifestações de uma mesma entidade: o Espírito; e a noção de sequencialidade, que descreve o Espírito como um movimento no tempo e a História como a trajetória do Espírito.

Sendo assim, com a consolidação das perspectivas de Immanuel Kant no pós-Iluminismo, reforçadas pelas narrativas hegelianas, a Física acabou por fornecer modelos de estudos científicos sobre as condições humanas que acabaram por receber forte receptividade pelo fato de abordarem tais condições como “coisas sociais” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 40), com base naquelas mesmas rupturas da filosofia escolástica.

Para Denise Ferreira da Silva, a dialética racial se constrói com base em tais concepções destacadas anteriormente, e que vai se desdobrando pelo espaço-tempo de modo a se reconstituir de acordo com a época em questão. Como exemplo, ela aponta que o fluxo de refugiados em direção à Europa é apenas uma repetição dessa dialética no contexto moderno. “Além de persistir na reivindicação da certeza, seus enunciados sobre a verdade firmam-se sobre os mesmos pilares – *separabilidade, determinabilidade e sequencialidade* – montados por filósofos modernos para sustentar seu programa de conhecimento” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 40, grifos da autora).

No século XX, Franz Boas instituiu uma importante mudança sobre o conhecimento da condição humana argumentando que, ao invés dos aspectos biológicos, são os aspectos sociais que explicam a variação dos conteúdos mentais. Assim, ele articula a diferença cultural com os aspectos temporais e espaciais. Já na segunda metade do século XX, Michel Foucault trabalha com a ideia da física das partículas abrindo novos horizontes para o pensamento crítico, como, por exemplo, partindo da ideia da distinção entre o modo de operação do poder jurídico-político que se assimila aos acontecimentos envolvendo corpos maiores – tal como nas leis de Isaac Newton –, o que Michel Foucault denominou de microfísica do poder, atuando principalmente por meio da linguagem, do discurso e das instituições.

Para a autora, os avanços na Física pós-Clássica, ou seja, a relatividade e a mecânica quântica, foram fundamentais para que houvesse um desenvolvimento teórico e metodológico por parte de elementos econômicos, jurídicos, éticos e políticos que fossem capazes tanto de produzir como de reafirmarem as diferenças humanas. Nessa premissa, infelizmente, tais avanços não foram capazes de produzir uma diferença que não prezasse pela separabilidade. Assim, de forma previsível, a autora ressalta que esses avanços foram responsáveis por aprofundarem ainda mais a ideia de cultura e dos conteúdos mentais como expressões de separação entre grupos humanos, seja em relação à nacionalidade, à etnicidade ou a identidade – de gênero, sexual e racial.

Em um mundo onde a diferença não seja mais produzida com separabilidade fica impossível reduzir o pensamento e o conhecimento à determinabilidade, rompendo com a concepção cartesiana que distingue a mente do corpo, assim como da redução do conhecimento a algo meramente tipológico de uma causalidade eficiente. Portanto, sem a separabilidade a sequencialidade também não é capaz de explicar, ou ao menos tentar, os diferentes modos de

existir dos seres humanos, “já que a autodeterminação possui uma área muito limitada (o espaçotempo) de operação” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 46).

A essa forma na qual o mundo que conhecemos foi construído, Denise Ferreira da Silva denomina de Mundo Ordenado, sustentado pelos pilares ontoepistemológicos demonstrados até aqui, onde o social considera um todo formado por partes interdependentes. E que, cada uma dessas partes é responsável por instituir formas sociais em unidades geográficas e históricas separadamente, ancoradas nas particularidades branco-europeias.

Portanto, para superar, ou melhor, destruir, o Mundo Ordenado, a autora da vida ao conceito de uma poética negra feminista em que a questão da negridade constrói possibilidades para darmos fim a esse mundo, que persiste na exploração do “corpo sexual da nativa/escrava” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 47) por meio de delimitações que permitiram a invenção atendida pelo Mundo Ordenado, “[...] mas em vez de tentar recompô-lo como tal, a poética negra feminista retraça enunciados que exibem como este emerge desde uma premissa de profunda separação do Sujeito do Mundo” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 47).

A autora ressalta que o corpo sexual da mulher nativa/escrava, que, para ela, é usualmente repudiado nos textos que constituem as teorias críticas raciais, de gênero, e de sexualidades, permanece inacessível porque não há a possibilidade dessa mulher ser recuperada como o próprio sujeito do desejo em descrições que sejam ético-políticas onde pressupõem seu corpo como político.

Para, então, dar fim ao Mundo Ordenado, é preciso, segundo Denise Ferreira da Silva, ler a negridade contra sua função de categoria que torna possível sua leitura como separabilidade. Dessa forma, a poética negra feminista retorna ao Mundo como um experimento da existência humana sob a imagem de um Mundo Implicado, de um *Corpus Infinitum*.

No Mundo Implicado, a diferença não é uma relação de estranhamento irresolúvel, mas sim uma expressão elementar de implicação. Isso quer dizer que, segundo a autora, a socialidade não é mais nem causa e nem o efeito das relações que envolvem as existências de modo separado, mas sim uma relação de incerteza sob a qual tudo que existe é uma relação de expressão singular de cada pessoa e de todas elas que existem no universo, como um *Corpus Infinitum*. O *Corpus Infinitum* é a imagem do que a autora denomina de Mundo Implicado.

A *Dívida Impagável* também é um confronto direto à violência racial. No que a autora denomina de experimentos de pensamento, ao invés de simplesmente registrar e tentar deslocar a indiferença na contramão de compreender a violência tanto contra os corpos quanto aos

territórios negros, Denise Ferreira da Silva busca o que ela chama de capacidade interruptiva da negridade, buscando tornar sua falta de valor ético em uma ferramenta analítica. Além disso, é importante ressaltar que esse movimento trazido pela autora não tem como objetivo delimitar um outro terreno onde seja possível construir justiça social no Mundo Ordenado. Isso porque, para ela, o texto moderno depende da obliteração da negridade como “índice ético e econômico, quando esta última é ativada na decomposição da formulação ética (a equação do valor), não faz mais do que sinalizar a possibilidade de figurar o Mundo sem determinação.” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 48).

Seguindo seus experimentos de pensamento, a autora dá enfoque as formalizações do pensamento moderno, mas em uma perspectiva do processo analítico da construção dos conceitos que delimitam o escopo da teoria do capital. Para isso, ela confronta diretamente o materialismo histórico em que a sequencialidade opera como uma delimitação onde a totalidade do capitalismo se baseia com potencialidade: o trabalho assalariado. Pois a autora entende que a temporalidade linear acaba por operar na construção de conceitos do materialismo histórico que ocluem a colonialidade e a escravidão, ou seja, para Denise Ferreira da Silva, essa temporalidade linear rejeita o poder explanatório do modo como funciona o capital propriamente dito, mesmo que em algum momento sua tentativa seja a de incluir.

Portanto, o que Denise Ferreira da Silva nos provoca em *A Dívida Impagável* é a necessidade de repensarmos o mundo em que vivemos por meio de uma radicalidade necessária para darmos fim a ele, oportunizando a insurgência de um outro mundo sem separabilidade, determinabilidade ou sequencialidade. Os experimentos de pensamento da autora nos dá a possibilidade do incômodo como alternativa de movimento para repensarmos a violência racial, os modos de produção capitalista e as implicações desse processo por meio de uma temporalidade não-linear, mas fractal. “Por isso, a força radical da Negridade reside na virada do pensamento; o conhecer e o estudar conduzidos pela Negridade anunciam o Fim do Mundo *como* o conhecemos” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 91, grifo da autora).

Além disso, Denise Ferreira da Silva ao insurgir em seu *Corpus Infinitum* como a imagem de um Mundo Implicado, possibilita a compreensão de que gênero, sexualidades, raça, etnicidade e nacionalidade não são linhas que se cruzam em nossos corpos podendo serem analisadas separadamente e, que em algum momento, se interseccionam na totalidade do corpo humano. Para a autora, todos esses elementos são implicados a esse corpo, onde não há

nenhuma forma de regimento cartesiano ordenado pela razão, mas sim pela insurgência de um *Corpus Infinitum*.

Dessa maneira, Denise Ferreira da Silva está conectada a um conjunto de intelectuais, como Saidiya Hartman (2021; 2022) e Frank Winderson III (2021), que vem tentando pensar a dimensão racial para além, ou até mesmo aquém, dos constrangimentos da ideia de cultura, portanto, de um ponto de vista ontológico, bebendo de diferentes fontes da Filosofia e das teorias feministas. Um movimento ontoepistemológico e não de um ponto de vista cultural, que tem sido chamado no Brasil de pensamento negro radical (2021), com traduções recentes para nosso campo acadêmico. Sendo assim, a dimensão racial tem um lugar fundamental na própria produção dos modos de pensar do Ocidente moderno, para aquém do racial como um tema.

## Referências

BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella; ARIAS, André (Orgs.). **Pensamento negro radical: antologia de ensaios**. São Paulo: Crocodilo, N-1 edições, 2021.

FERREIRA DA SILVA, Denise. À brasileira: racialidade e a escrita de um sujeito destrutivo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro/abril, 2006.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Ninguém: direito, racialidade e violência. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 67-117 – jan./jun. 2014.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Pensamento fractal. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.27.1, p. 206-214, jan./jul., 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

WINDERSON III, Frank. **Afropessimismo**. São Paulo: Todavia, 2021.